

PARTE 4 – A INTERVENÇÃO GERONTOLÓGICA NO ESPAÇO PÚBLICO

Nelson Frederico Seiffert

1- Definição e objetivo da intervenção gerontológica

A intervenção gerontológica pode ser entendida como um processo planejado de modificação de condições, procedimentos, comportamentos, e que se baseia na aplicação sistemática de princípios, teorias e resultados de diversos campos da ciência do envelhecimento. Tem em si uma clara conotação interdisciplinar. Na prática muitas intervenções são multiprofissionais e sua eficácia situa-se em um trabalho conjunto.

Como objetivo primário, as estratégias de intervenção são a prevenção, otimização, a reabilitação para a manutenção de uma condição funcional que não deva se degradar e seja sustentável ao longo do tempo. A gerontologia da intervenção persegue, com crescente sucesso, diversos objetivos significativos, os quais não apenas oferecem suporte e qualidade de vida para pessoas idosas, mas também fortalecem a evolução da ciência do envelhecimento, uma vez que suas possibilidades ainda não estão esgotadas.

A intervenção gerontológica prática decorre das diferentes possibilidades de aplicação dos resultados do desenvolvimento do conhecimento e da pesquisa realizada pela Gerontologia. Decorre também da significativa plasticidade do processo de envelhecimento humano em seus aspectos físicos, psíquicos e sociais.

Para a ciência do envelhecimento, a intervenção apresenta múltiplos significados e intervenções bem-sucedidas evidenciam a grande individualidade e plasticidade do sistema de envelhecimento. Espelham ao mesmo tempo, o potencial de transferência dos resultados dos estudos e pesquisas para a prática gerontológica.

Pessoas idosas beneficiam-se das intervenções, mesmo quando afetadas por perdas funcionais graves, quando percebem que podem adaptar-se a restrições trazidas pelo envelhecimento. Adaptações que são proporcionadas por intervenções, que atuam de forma preventiva, compensatória ou otimizam o uso dos recursos ambientais, psíquicos ou corporais disponíveis. Pelas intervenções os indivíduos percebem que ainda podem recuperar funcionalidades e que o envelhecimento não é apenas um sistema de desconstrução do indivíduo.

A intervenção gerontológica, além de contribuir para um envelhecimento otimizado, introduz novos objetivos de vida para o idoso. Propicia também grande apoio para as pessoas próximas, porque tem o dom de minimizar a sobrecarga de cuidados ao idoso e orientar uma melhor forma de lidar com

situações de cuidados e apoio a pessoas que envelhecem (Wahl, 2013).

2-A intervenção na promoção do relacionamento social

O relacionamento social de pessoas idosas baseia-se em necessidades individuais, competências pessoais, normas sociais, oportunidades, bem como adaptações psíquicas dentro dos limites da configuração do curso de vida de cada um.

Tal visão sobre o contexto da rede de relacionamento dos idosos, coloca para a gerontologia um duplo desafio. Primeiro, foca a estabilidade e a mudança de relacionamentos sociais e um entendimento das características particulares do indivíduo que envelhece. Em segundo lugar leva em consideração aspectos positivos de diferentes comportamentos sociais e efeitos colaterais em relação à saúde e qualidade de vida. Dentro desta abordagem, a ideia de intervenções resulta em um reforço dos relacionamentos sociais que sejam capazes de criar uma perspectiva orientada para a construção de uma rede social, a qual reforce a autoconfiança e estimule a iniciativa em direção a construção de uma inclusão social.

Quando a pessoa envelhece, assim também envelhece com ela seu ambiente social. Diversos estudos indicam que o tamanho e a estrutura da rede social mudam ao longo do curso de vida. É, portanto, previsível, que o suporte de relacionamentos dos idosos venha a se reduzir, como resultado de restrições de saúde, barreiras de mobilidade e mesmo perdas de pessoas próximas. No entanto, também é evidenciado, que ocorre uma capacidade de adaptação e se verifique uma mudança, através da construção de uma nova rede de relacionamento. Em todas as fases da vida, as pessoas estão aptas, dentro de suas condições biológicas e limitações socioculturais, a recompor continuamente seu ambiente social, de acordo com suas necessidades, objetivos e desejos. Novos relacionamentos podem começar, ser intensificados ou também ser terminados.

Para a Gerontologia Aplicada, é significativo a compreensão de que rupturas e modificações dos recursos sociais e ambientais estão associadas a exigências individuais, a habilidades cognitivas e competências emocionais, as quais podem ser melhoradas. Intervenções que melhorem as condições ambientais locais e o comportamento individual com relação a rede social dentro da abrangência do espaço público disponível, são decisivos para elevar o bem-estar do idoso.

Programas de promoção social, que incorporem relacionamentos entre pessoas idosas, parcerias, e grupos inter-geracionais, resultam na e prevenção do isolamento e solidão, e são intervenções que dizem respeito a exploração do espaço público como forma de otimização da qualidade de vida de pessoas que envelhecem.

Na pesquisa empírica do envelhecimento é destacado claramente, que uma integração social elevada está ligada a melhor saúde, melhoria da capacidade funcional e que influi decisivamente no prolongamento do curso de vida. É também considerado que o comportamento de explorar o espaço público, onde podem ser encontradas pessoas conhecidas e amigos, conduz a uma melhor condição nutricional, influencia a capacidade cognitiva e estimula a memória. O simples ato de tomar refeições com outras pessoas, por exemplo, minimiza e inibe o risco de nutrição deficiente, influi para que as pessoas idosas comam porções maiores. Quando se alimentam em grupo, são menos propensas a perda de peso corporal. Atividades desportivas coletivas também tem efeitos positivos por disponibilizar oportunidades de relacionamentos sociais (Lang & Rohr, 2012).

O espaço público é o verdadeiro cenário de intervenção para a mobilização social, da estruturação ou da reestruturação da rede social, onde se estabelecem novas oportunidades de contato e intensificação de interações humanas.

3-O envelhecimento “no lugar”

O entendimento das relações complexas, entre o contexto ambiental e o bem-estar de adultos idosos, é de grande importância, tendo em vista que o “envelhecimento no lugar” (em casa, no bairro, na cidade) é reconhecido como uma meta da política pública voltada para o envelhecimento. Os estudos realizados sobre o ambiente social, mostra como o espaço público físico e social está relacionado tanto à saúde física como mental dos idosos. O acesso aos recursos disponíveis “fora de casa”, a participação em grupos, o senso de pertencimento e de vizinhança, ajudam a superar sintomas de isolamento, problemas de saúde e ilustram a utilidade dos conceitos da Gerontologia Ambiental, aplicada a melhoria da qualidade do espaço público no processo de envelhecimento (Norstrand et al, 2013).

Espaços abertos e públicos têm um impacto importante na mobilidade e qualidade de vida de idosos e afetam a sua capacidade de “envelhecer no seu próprio lugar”. Tanto idosos como pessoas com deficiências físicas, descrevem diversas características do cenário urbano natural e construído que são amigáveis a pessoas que envelhecem. Características do espaço público que afetam a qualidade de vida, acesso, segurança e melhorias já existentes, e aquelas que podem ser sugeridas as autoridades para as áreas urbanas, estão no foco do tema da intervenção gerontológica direcionada ao espaço público.

São considerados relevantes para estratégias de intervenção no espaço público, aspectos como: um ambiente limpo e agradável; a importância dos espaços verdes; um lugar para descansar; calçadas amigáveis para idosos; cruzamentos seguros para pedestres; acessibilidade; segurança; calçadas e ciclovias; prédios amigáveis a idosos; banheiros públicos adequados;

demandas de consumidores idosos.

Ambiente limpo e agradável. A cidade deve ser limpa, e há uma legislação, que deve ser devidamente cumprida, que limita a presença de lixo, resíduos, o nível de odores, animais agressivos, roedores e insetos transmissores de doenças, fontes de geração de ruídos desagradáveis, emissão de gases, fumaça que são poluentes nocivos à saúde em locais públicos.

Espaços verdes. A existência de espaços verdes é uma característica considerada como amigável, não só para idosos, como para toda a população, quando devidamente cuidados e conservados pelo poder público. É necessário haver espaços verdes na área urbana ou suburbanas bem conservados e seguros, com abrigos adequados, banheiros e assentos em bancos de jardim, de fácil acesso.

Calçadas amigáveis. A condição das calçadas tem um impacto óbvio na capacidade de locomoção do idoso. Calçadas estreitas, desniveladas, com rachaduras, que tenham meio fio alto, que sejam congestionadas ou apresentem obstáculos, são potencialmente perigosas e afetam a capacidade de pessoas caminharem nas ruas. Devem ser livres de obstáculos como camelôs, carros e motocicletas estacionados, excrementos de cães, deslocamento de bicicletas, moradores de rua.

Assentos públicos. Deveria existir a disponibilidade de bancos públicos, especialmente em parques, nas paradas de ônibus, colocados em espaços regulares e estarem em bom estado de conservação.

Ruas. As ruas devem dispor de cruzamentos a intervalos regulares, com faixas indicativas que tornem seguro o deslocamento entre seus lados. O tempo de travessia indicado nos semáforos para pedestres não deve ser muito curto.

Segurança. A segurança pública, em todos os espaços abertos e prédios é uma prioridade. É proporcionada por boa iluminação ambiental, pelo cumprimento da legislação relacionada ao patrulhamento policial e por iniciativas de segurança da comunidade local.

Serviços. Os serviços como comércio, prestadores de serviços residenciais, serviços comunitários e de saúde estão disponíveis e localizados próximo do lugar de moradia dos idosos e são de fácil acesso. Há um atendimento especial para idosos, com filas separadas e guichês específicos. Há uma escassa oferta de produtos adequados a consumidores idosos, seja relacionado ao vestuário, a equipamentos eletrônicos e eletrodomésticos, bem como falta de cortesia de atendentes em lojas ou repartições públicas.

Prédios. Os prédios devem ser acessíveis, possuir elevadores, rampas, sinalização adequada, corrimões em escadas, degraus não muito altos ou inclinados, piso antiderrapante, áreas de repouso com assentos confortáveis, número suficiente de toletes.

Banheiros públicos. Os banheiros públicos devem ser mantidos limpos,

bem conservados e de fácil acesso a pessoas com diferentes graus de incapacidade. Devem ser bem sinalizados e estarem distribuídos em locais convenientes.

Ciclovias. Ciclovias são consideradas como meio de promover exercícios e de saúde, contudo são vistas como portadoras de risco, tendo em vista que, com frequência, os ciclistas desrespeitam suas vias de circulação, invadem as calçadas e o espaço de cruzamento de pedestres nas ruas (Organização Mundial da Saúde, 2008).

4-O espaço público

O espaço público incorpora todos os elementos que afetam o meio social e físico, seja de origem política, legal, cultural, ambiental, demográfica, econômica, natural, tecnológica, e que podem afetar o bem-estar de pessoas de todas as faixas etárias, sejam crianças jovens, adultos ou idosos.

A concepção de espaço público incorpora a ideia de espaço livre, sem restrições, mas também características de espaços restritos como lojas, mercado, shopping centers, bares, cafés, jardins, parques, praças, igrejas, meios de transporte, entre outros. São lugares onde as pessoas fazem trocas e contatos sociais. O espaço público pode ser um território conhecido ou estranho, algo que as pessoas podem considerar fácil de percorrer, seguindo rotas familiares, ou desconhecido, desorientador, trazendo uma sensação de insegurança, mas também conduzir a novas experiências. Pessoas ocupam áreas públicas dividindo o seu espaço com uma grande diversidade de grupos de pessoas e de atividades e influenciam o nível de engajamento de idosos, por ser um espaço para todos.

É mais recente a preocupação da pesquisa pela busca na definição de cidades amigas a pessoas idosas, que incorporem, além do microambiente residencial, aspectos do ambiente externo a residência, e tem evidenciado o espaço público e sua concepção como lugar “onde a pessoa se sente em casa”, que são aspectos centrais no desenvolvimento da identidade social de idosos e influenciam condições de acessibilidade ou segregação espacial (Peace, 2013).

A transformação de um espaço público em um lugar familiar decorre de como o ambiente no qual a pessoa vive, influencia o indivíduo para a manutenção da sua identidade, e de como oferece suporte a sua atividade social e de interação humana. São ambientes que conferem significado e bem-estar que transformam espaços públicos em lugares familiares. Lugares onde pessoas idosas mantém conexões com amigos, familiares, comunidade e o ambiente público em geral, fora do espaço confinado residencial.

A Gerontologia Ambiental tem contribuído para desenvolver informações práticas de como as pessoas idosas transformam espaços públicos e privados em um lugar familiar decorrentes de trabalhos relacionados a diversos campos

profissionais que incluem arquitetura, planejamento, serviços sociais, saúde, desenho ambiental e que são traduzidos em recomendações para tomadores de decisão no campo da política pública.

Na atualidade isto decorre da pressão de fatores demográficos, no qual as pessoas idosas tornaram-se mais numerosas e mais visíveis. Na sociedade atual o envelhecimento não é mais necessariamente sinônimo de doença, fragilidade, inabilidade, tal como a cultura de consumo orientada para a juventude tem buscado se concentrar. O fato de que o envelhecimento traz limitações físicas e psicológicas, no entanto, não tem impedido de que venham sendo sugeridas modificações ambientais do espaço público que assegurem uma qualidade de vida aceitável, o que vale também para as demais gerações que utilizam o ambiente público. O avanço demográfico do segmento de pessoas idosas não tem sido percebido ainda com a devida visibilidade pelos tomadores de decisão sobre as dimensões ambientais de políticas públicas que afetam diretamente o bem-estar destas pessoas. Permanece a ideia de que as pessoas idosas são improdutivas e, portanto, incapazes de contribuir com estes debates e a formulação de políticas que afetam o espaço público.

A identificação e apego que pode ser experimentada pela pessoa idosa a um espaço público, passa por um processo de reconhecimento de seus atributos e pode acabar transformado um ambiente externo à moradia em um lugar familiar. Este processo de transformação de um espaço público em um lugar, é facilitado pela atratividade de seus componentes, por sua acessibilidade e condições que favorecem a mobilidade. É um processo que ocorre ao longo do tempo, no qual a população desenvolve uma ligação mais intensa com o ambiente transformando espaços públicos em lugares familiares onde se sentem confortáveis e “em casa”. O espaço público toma um sentido distintivo de lugar atrativo, quando é criado um significado para as pessoas que utilizam a área. Lugares que tem significado prazeroso são importantes para a qualidade de vida e identidade, conforme se torna parte de quem somos e como entendemos o ambiente que partilhamos com outras pessoas. A familiaridade que se constrói ao longo do tempo, é crucial para desenvolver e dar sentido a um determinado espaço público como lugar acessível e gratificante, favorecendo que pessoas idosas a participem plenamente como cidadãos, consumidores e residentes.

Na criação de significado, o planejamento espacial busca salientar aspectos específicos de cada lugar do espaço público da cidade, que o distingue por suas características únicas, propicia um ambiente atrativo e condições de segurança. A atratividade para sua visita, resulta de uso repetitivo, possibilitando ao idoso criar um certo sentimento de posse, e pela rotina de frequência de seu percurso, transforma um espaço urbano em um lugar familiar. A ligação ao lugar passa então a ter um significado corporal e emocional e se incorpora às atividades e rotinas do dia a dia, marcada por experiências, relações pessoais e é incluída na agenda de atividades

gratificantes. A forma como as pessoas que envelhecem dá sentido a seu ambiente, é importante para sua identidade, competência, mobilidade e qualidade de vida.

O espaço disponível na região da residência de uma pessoa idosa pode apresentar deficiências que afetam a sua mobilidade e segurança. Além disso as imediações sofrem transformações constantes em sua infraestrutura e seu contexto social, que influenciam o bem-estar das pessoas. O engajamento pessoal e coletivo de pessoas que se encontram na fase de envelhecimento em ações públicas voltadas para o planejamento e implantação de melhorias da infraestrutura local, representa uma possibilidade ao alcance de indivíduos, e cuja experiência prévia intelectual e profissional é de grande relevância, e diz respeito ao exercício da cidadania. A participação comunal traz à tona o potencial humano e de inovação das pessoas, que podem valer-se das estruturas de participação legal e social de apoio a idosos (Mollenkopf et al, 1999).

A Gerontologia Ambiental tem direcionado sua atenção sobre conceitos como “envelhecimento no lugar”, “apego ao lugar”, na busca de caracterizar a adequação do espaço público ao lugar no qual se envelhece e suas implicações no desenho de espaços públicos que ofereçam suporte a residentes idosos e possam atrair visitantes (Phillips 2013).

A política de planejamento urbano em relação a pessoa idosa deveria focar-se primariamente no ambiente, nas suas atividades e bem-estar, sobre a interação entre as pessoas, segurança e coesão comunitária e deveria orientar as iniciativas políticas.

Os problemas ambientais que atingem as cidades seriam provavelmente menores se o adensamento populacional não se distribuísse de forma desigual sobre o território. A concentração humana em centros urbanos e uma dramática migração da população rural para as cidades e suas periferias leva a consequências de um crescimento desordenado e hostil ao bem-estar humano. Nesta acomodação espacial os recursos ambientais e construídos deterioram-se localmente, acentuando-se o processo de desgaste do ambiente, surgindo problemas de mobilidade, saneamento, poluição, piora da saúde pública, escassez de espaço de moradia, aumento da insegurança e da violência.

No ambiente urbano, ruas sem luz e esburacadas, placas de sinalização sujas ou danificadas, lixo não recolhido, calçadas intransitáveis, bueiros afundados não são apenas um problema de mobilidade para as pessoas de todas as faixas etárias, mas também um problema econômico. Geram trânsito lento, perda de tempo e de dinheiro. Falta de iluminação gera insegurança e retém as pessoas em casa, as quais reduzem seu consumo, que afeta a produção e arrecadação de impostos.

Comunidades amigas de idosos estão voltadas para a melhoria do ambiente físico e social no entorno de pessoas adultas envelhecidas buscando facilitar a sua independência e coesão com a vizinhança. As iniciativas para a

implantação destes lugares podem ser facilitadas por autoridades, pesquisadores e tomadores de decisão de diversas disciplinas que podem colaborar sob a premissa de que os serviços para idosos devem estar incorporados no contexto urbano geral.

Esta abordagem é considerada que se tornará um componente indispensável do contexto da Gerontologia Ambiental. Isto porque, em uma comunidade amiga de idosos, as considerações ambientais passam a ter o potencial de introduzir um efeito ambiental marcante sobre a saúde humana, sobre o envelhecimento ativo, o que acaba por beneficiar todas as faixas etárias.

A definição de um modelo de comunidade amiga ao idoso está alicerçada pelo suporte do ambiente físico e social criado por oportunidades de se conduzir uma vida saudável, vizinhança agradável e engajamento comunitário. Depende também da vontade da pessoa idosa de estar envolvida no esforço de manter sua própria saúde e bem-estar e influir nos princípios que orientam planejadores urbanos na definição de ambientes comunais mais saudáveis, mais econômicos, socialmente conectados e ambientalmente seguros (Heuwinkel & Borchers, 1999).

Algumas características que integram o envelhecimento ativo e que devem se refletir nos projetos da comunidade podem ser enumerados como: mantenha-se ativo, conectado e engajado, onde e como você escolhe viver afetam sua saúde e bem-estar; casas, prédios ou apartamentos precisam ser adaptados as condições do envelhecimento; vizinhança amigável oferece uma boa escolha do local de residência, obtenção ou construção de moradia; um sistema de transporte eficaz e próximo favorece o deslocamento; serviços de comércio acessíveis permitem encontrar com facilidade produtos de consumo diário, alimentos saudáveis; acesso a serviços de saúde nas proximidades facilita atendimento em condições de emergência.

Transformar o ambiente físico e social para melhorar condições de saúde para indivíduos idosos vem tornando-se uma prioridade, tanto do setor público como privado. O envolvimento com a iniciativa da implantação de comunidades amigas aos idosos, é uma excelente oportunidade para profissionais do campo da Gerontologia Ambiental atuar em colaboração com profissionais de outras especialidades. É também uma oportunidade, no campo de pesquisa e estudos, para o desenvolvimento de uma melhor relação entre as pessoas e o ambiente (Klark & Glicksmann 2013).

A pessoa idosa tende a buscar por sua individualidade, mas também estar integrada ao ambiente de suas cercanias. O indivíduo é impulsionado na direção da interação social com sua vizinhança onde ocorre a possibilidade de se relacionar socialmente. Não somente, crianças, adultos e idosos demandam, para seu bem-estar um ambiente próximo estável. Pessoas idosas, em particular, dispõem de tempo, recursos materiais, conhecimento, experiência social e habilidades profissionais, e com isto estão habilitadas a engajar-se nas

diferentes atividades locais, se a estrutura da região for favorável e dispõe de oportunidades culturais para sua participação. Um conjunto de componentes que contribuem para o envolvimento e bem-estar de pessoas idosas pode ser descrito como: círculo familiar; amigos; vizinhos; contatos profissionais; locais de estudos de formação e capacitação; entidades que oferecem engajamento cultural, político e de assistência social e de saúde. A disponibilidade de um ambiente próximo estável e inclusivo eleva as chances do idoso conduzir uma vida individual socialmente compartilhada, a manutenção de contatos sociais e acesso a redes de assistência social e de saúde.

5-A cidade

As vias públicas, caminhos, espaços abertos, edificações tem um impacto forte na capacidade de deslocamento e afeta a qualidade de vida de pessoas em geral, e em particular de idosos. Diversas características da rua, do bairro e da cidade afetam de forma positiva ou negativa o bem-estar da população. Os elementos naturais que circundam a região de moradia representam um fator fundamental que afeta a qualidade de vida das pessoas que valorizam a natureza, as áreas verdes a paz e tranquilidade em seu ambiente próximo. Pelo contrário a má conservação de ruas, praças, jardins, a sujeira e níveis perturbadores de ruído, o mau cheiro e a poluição do ar depõem contra o bem-estar dos residentes. Em muitas cidades grupos residentes organizaram campanhas para a conscientização dos moradores de ruas e bairros, para imposição de normas de limpeza e controle do nível de ruído.

Os espaços verdes e jardins são considerados amigáveis quando tranquilos, mas quando malconservados e frequentados por marginais, passam a ser evitados e considerados perigosos. Os parques e praças precisam ser de fácil acesso e dotados de banheiros públicos e de bancos de jardim para se tornarem atrativos. Avenidas e áreas que disponibilizam equipamentos para as pessoas se sentarem são considerados necessários para idosos. Parques utilizados para esportes, como skate, pistas para bicicletas, bem como frequentadas por grupos intimidadores, tornam-se menos atraentes e tem sido sugerido que sejam melhor controladas por serviços de vigilância e manutenção, e mesmo que seja feita a delimitação de áreas específicas para idosos.

As calçadas influenciam a capacidade de locomoção das pessoas. Calçadas estreitas, desniveladas, com desníveis, meio-fio elevado, utilizadas por bicicletas, camelôs, bancas de revistas, carros estacionados sobre as calçadas são obstáculos potencialmente perigosos e afetam a capacidade de as pessoas caminharem em segurança pelas ruas. Em muitas cidades a atuação de associações de moradores tem induzido o poder público a criar normas para implantação de calçadas com superfícies homogêneas, planas,

largas o suficiente para o deslocamento de cadeiras de rodas, rebaixamento do meio-fio, remoção de obstáculos como camelôs, carros estacionados e assegurando a prioridade de uso por pedestres.

A transposição de cruzamentos pode oferecer dificuldades quando não estiver delineada a faixa de segurança, os sinais de trânsito nos cruzamentos estejam mal regulados e o tempo destinado ao deslocamento de pedestres esteja muito curto. Sinais que tenham uma contagem regressiva visual e sinais sonoros nos cruzamentos de pedestres são indicados para favorecer a transposição de pedestres em cruzamentos com segurança. É também indicado que sejam feitas sugestões para as autoridades locais para estabelecer limites de velocidade para circulação de veículos nas áreas centrais da cidade. Em muitas cidades europeias o limite em áreas centrais está fixado em 40 km/h e nas proximidades de escolas e hospitais não superior a 20km/h.

A sensação de segurança no local onde se mora, afeta positivamente a vontade das pessoas idosas saírem à rua, o que influencia a sua autonomia, saúde física, integração social. São fatores de insegurança, a má iluminação pública, crimes, drogas e sem-teto que se localizam em espaços públicos e atemorizam as pessoas, restringindo a sua liberdade de deslocamento. A atuação de associações de bairros é fundamental para acionar as autoridades a providenciar maiores serviços de vigilância e policiamento preventivo.

Edificações de moradias novas e reforma de prédios antigos podem oferecer melhores condições de acessibilidade a pessoas idosas ou com deficiências físicas. Características desejáveis incluem elevadores, rampas, portas e corredores amplos que facilitem o uso de cadeiras de rodas, pisos antiderrapantes, área de estar com assentos confortáveis, sinalização e banheiros disponíveis no vestíbulo dos prédios.

A localização de lojas e comércio nas proximidades das moradias facilita o acesso a pessoas idosas, permitindo que façam compras de gêneros de primeira necessidade perto dos locais onde residem. A existência no comércio de serviços de atendimento a clientes idosos é considerada uma característica amiga e quando oferece caixas preferenciais, evita que sejam incluídos em filas demoradas, o que pode afetar suas condições de saúde, quando sofrem inaptidões físicas ou doenças (Organização Mundial da Saúde 2008).

Segundo Pfitzenreuter (2014) a formulação de projetos mundiais e nacionais que abordam o tema de envelhecimento, longevidade e diversidade do público nos espaços públicos das cidades, possui o mérito de incentivar práticas de acessibilidade, mas o que se observa é que há uma distância entre o plano de ação apresentado e a realidade destas cidades. Na maioria dos casos, escolhe-se alguns locais que serão parte de um projeto piloto, mas que pode contribuir para uma maior segregação do meio urbano. Embora os programas oficiais vislumbrem grandes intenções, na prática apresentam pouca efetividade e incipientes alterações concretizadas nas cidades.

6-O ambiente fora de casa

A grande maioria dos idosos vivem em moradias comuns e manifestam o desejo de continuar vivendo no mesmo lugar, embora muitas destas residências não estejam bem localizadas ou adaptadas para a vivência do envelhecimento. Na situação atual de incremento do segmento populacional de idosos, tem havido também a disponibilização de novas formas de moradia que atendam os interesses de pessoas que envelhecem como no caso de condomínios residenciais ou mesmo instituições que abrigam pessoas na fase de envelhecimento.

É desejável que a área residencial ou o bairro onde se localiza a moradia ofereça uma boa estrutura, de forma que as pessoas idosas tenham a intenção de permanecerem nesta área onde passaram parte de sua vida, com a qual estão familiarizados e mantem um sentimento de pertencimento e segurança. Neste espaço social próximo é esperado que haja disponibilidade de uma boa infraestrutura e também possibilidades para contatos sociais e oferta de serviços de apoio e de saúde. Esta perspectiva vem influenciando novos conceitos para estruturação do espaço público em bairros residenciais por apresentar aspectos relevantes para pessoas idosas, mas também para outros segmentos sociais interessados em habitar em contextos que ofereçam maior qualidade de vida a população.

A forma como as pessoas idosas interagem entre si e o ambiente externo, “fora de casa”, tem a ver com a sua identidade individual, a sociabilidade, o modo de interação Inter geracional e pode fazer com que o ambiente, além da soleira da casa, possa se tornar parte importante do seu dia a dia. Os diferentes aspectos do espaço público, por sua amplitude, oferecem muitas oportunidades, mas também ameaças ao bem-estar de pessoas idosas por envolver a vizinhança, a rua, a cidade, na qual pessoas circulam. A cidade inclui complexidades como conjuntos habitacionais, ruas, avenidas, áreas de pedestres, de estacionamento, centros comerciais, lojas, prestadores de serviços, repartições públicas, centros comunitários, hospitais. Abriga parentes, amigos com os quais os idosos se relacionam. Compreende destinos próximos ou mais distantes, os quais podem ser alcançados a pé, por transporte público ou privado e mesmo embarcações e aviões.

O ambiente externo é mais difícil de ser limitado quando comparado com o ambiente interno da moradia e precisa ser avaliado de forma mais ampla em relação ao comportamento de como as pessoas se movimentam neste ecossistema amplo. Fora de casa a atividade conduz a uma maior proporção de interação com o campo social e comunitário, ao contrário do ambiente da moradia onde é mais forte a condição de isolamento. No ambiente externo este aspecto é superado através da movimentação ao ar livre que traz novos estímulos, o encontro de coisas novas, a utilização de recursos sociais e da

comunidade.

Um dos aspectos fundamentais de poder sair de casa é a possibilidade de se movimentar e exercitar a sua autonomia, a condução de sua própria vida, de atuar sobre o meio e promover a interação de sua vida social, de desenvolver todos os seus potenciais em complementação a sua vida residencial. Propicia oportunidades de contatos e relacionamentos novos e o engajamento comunal, que reflete o gozo de sua própria independência e afirmação de sua identidade que decorre de sua mobilidade pessoal.

A possibilidade de ver algo novo, encontrar pessoas, a movimentação corporal ao ar livre, decidir sobre a escolha de trajetos de deslocamento, a independência da ajuda de terceiros, são aspectos de grande significado pessoal. Não poder ter acesso independente ao espaço público é considerado pelos idosos como “o pior que pode acontecer a uma pessoa”. Esta mobilidade depende, além da condição de saúde também dos costumes individuais e sobretudo das condições do ambiente externo disponíveis nas imediações (Mollenkopf et al, 1999).

Barreiras ambientais podem excluir pessoas de utilizar, com satisfação, o espaço externo da residência na condução de sua vida cotidiana. Tais barreiras, comumente estão representadas por formas impróprias de design das vias e das construções, restrições a mobilidade por falta de transporte próximo acessível, vizinhanças pouco amigáveis, barreiras físicas que restringem acessibilidade, indisponibilidade de espaços abertos, de parques, inexistência de oportunidades culturais, condições de segurança precárias e que expressam uma forma organizacional que resulta em estruturas que excluem as pessoas do espaço público. Barreiras ambientais desencorajam pessoas idosas de se integrarem, que estejam conectadas com a comunidade, e definem a forma como as pessoas experimentam o processo de envelhecimento. Ocorrem dimensões espaciais que podem ser consideradas como ambientalmente inclusivas ou que se manifestam discriminatórias, e que atuam de forma a segregar a inclusão de pessoas idosas.

7-Espaço público como ambiente Inter geracional

Em tempos não muito distantes a diferença entre as gerações apresentava uma nítida delimitação entre as idades bem como as posições ocupadas dentro do grupo social. Os comportamentos de cada faixa etária demarcavam as diferentes idades de cada geração. Apesar destas distinções havia um ambiente que propiciava a transmissão cultural das gerações mais velhas para as mais jovens. Os mais jovens ao identificar-se com os mais velhos podiam conceber uma imagem futura de si mesmos, o que repercutia na intensidade de relacionamentos entre as gerações. Na atualidade os laços vêm sendo alterados, nos quais, não mais os idosos inspiram o futuro aos mais jovens, mas os idosos inspiram-se nos valores da juventude. Com isto a

constituição de vínculos se faz de forma inversa, pela possibilidade de identificação dos mais velhos com os mais jovens (Borges & Magalhães, 2011).

Esta nova condição representa um desafio a integração entre os diferentes estratos etários e demanda novas estratégias de criação de espaços públicos que possam ser atrativos ao público em geral. O espaço público não deveria ser apenas desenhado para acomodar as necessidades de diferentes gerações, mas também estar estruturado para levar a interação entre gerações, promover trocas entre adultos, crianças, jovens, pessoas idosas e desenvolver um senso de comunidade. O planejamento urbano está desafiado a criar espaços que sejam lugares que sejam propícios ao engajamento geracional e a cooperação entre pessoas, em locais como parques, playgrounds, shoppings, centros comunitários, centros construídos para integrar idosos, onde as gerações possam se encontrar, interagir e desenvolver relacionamentos entre si. São lugares ricos em significado psicológico, oferecem aos frequentadores oportunidades de ganhar entendimento cognitivo e emocional sobre a diversidade Inter geracional em uma experiência comunitária.

Esta aspiração na realidade vem contrastando significativamente com a tendências sobre a criação de espaços que segregam pessoas idosas e não favorecem a sua integração. É desejável, no entanto que o planejamento volte a se focar na criação de ambientes que atendam também as necessidades da população idosa e seja considerada no contexto de favorecer o conjunto geracional. O objetivo do planejamento é criar um ambiente que seja apropriado a usuários das diversas gerações, que conduza a sua interação e propicie oportunidades para o envolvimento gratificante entre os usuários de diferentes idades.

A prática Inter geracional busca juntar pessoas em atividades propositadamente benéficas que promovam um maior entendimento e respeito entre gerações e contribua para a construção de comunidades mais coesivas entre crianças, jovens, adultos e velhos. Esta prática inclui programas formais de interação que envolvem escolas, organizações comunais, comunidades residenciais, serviços de cuidados e de saúde, locais de atividades profissionais, culturais, de lazer, entre outras. É uma perspectiva que se refere a construção de espaços que incluem dispositivos públicos que incorporem um novo componente decorrente da revolução da longevidade, considerado como uma oportunidade de engajamento cívico, econômico e social.

Com o alongamento do tempo de vida, pessoas que envelhecem passaram a manter um maior controle sobre suas vidas, sua independência, autonomia e estar plenamente envolvidas em decisões que afetam suas vidas, ser reconhecidas como cidadãos em sua plenitude. Dotados de iniciativa e articulação, estão aptos a se envolverem e trabalharem no planejamento e processo de tomada de decisão política que focam melhorias ambientais em um processo de colaboração Inter profissional.

A Gerontologia Ambiental é considerada um campo de pesquisa e estudo cujos resultados devem ser aplicados ao contexto político. Deve ajudar a entender melhor as interações entre as pessoas e seu ambiente e de como a construção de um lugar familiar influencia a sua vida por incluir elementos sociais, culturais e estruturais que se situam fora da área residencial. Considera aspectos relevantes como segurança, desenho urbano flexível e adaptável, acesso a pedestres, disponibilidade de transporte público, acesso a amenidades, ampla disponibilidade de informação e oportunidades de educação. Boa parte deste conjunto de ideias diz respeito a educação, treinamento e estudo que salientam a necessidade de oportunidades de educação e treinamento Inter profissional. Significa educação continuada e o envolvimento de idosos com profissionais da engenharia, da saúde, planejadores urbanos, arquitetos, administradores de instituições do setor público, que tem o objetivo comum de tornar o espaço público mais humanizado e com isto mais amigo do idoso (Bernard & Rowles, 2013).

8-O ambiente rural

O planejamento de áreas rurais e mesmo de áreas suburbanas tem sido largamente negligenciado, porque o esforço tem se concentrado primordialmente em áreas urbanas onde o adensamento demográfico e o poder político é maior. A distinção entre urbano e rural em termos de planejamento tem permanecido pouco clara e muitas políticas urbanas tem dimensões e muitos problemas comuns. Entretanto, as situações confrontadas por áreas rurais que se relacionam com moradias, desemprego, distâncias de deslocamento, transporte, disponibilidade de serviços, facilidades, migração de jovens e adultos, permanência no local do segmento de idosos, são diferentes das cidades e demandam políticas de planejamento e intervenção específicas (Ratcliffe 1992).

Pequenas cidades e vilas rurais vem sofrendo mudanças consideráveis nos anos recentes, não apenas em termos de perfil populacional, mas também em termos de condições sociais. Os meios de mobilidade, facilidades educacionais, disponibilidade de serviços de saúde, moradia e oportunidades de emprego são fatores que são objeto de preocupação e de novas estratégias de abordagem no planejamento do desenvolvimento local.

O acesso ao transporte e conseqüentemente de mobilidade é o aspecto que se manifesta como a maior ineficiência da vida rural e que impõe a necessidade de transporte individual. A maior parte do deslocamento entre as propriedades rurais e as vilas ou cidades próximas que concentram facilidades e serviços de comércio, saúde e educação, depende de um veículo próprio. Também significa que as pessoas permanecem a maior parte do tempo em suas residências. Sobretudo pessoas idosas, doentes e grupos de baixos rendimentos que não tem acesso a condução individual, são particularmente

vulneráveis ao isolamento e necessitam de políticas assistenciais municipais que tornem sua qualidade de vida aceitável.

9-Fontes de consulta

BERNARD, M & ROWLES, G. Past, Present, and Future in Designing Private and Public Environments for Creating a Sustaining Place. In: Rowles,D,G. & Bernard,M. Environmental Gerontology, Making Meaningful Places in Old Age, New York, Springer Publishing Company, 2013.

BORGES, C, C. & MAGALHÃES, A, S. Laços inter-geracionais no contexto contemporâneo, Rio de Janeiro, Estudos de Psicologia, 16(2) maio-agosto/2011, 171-177.

HEUWINKEL, D. & BORCHERS, A. Ältere Menschen auserhalb ihrer Wohnung: Sichtweise Der Strukturforschung, In:Wahl et al, Alte Menschen in ihrer Umwelt Wiesbaden, Westdeutscher Verlag GmbH, 1999.

KLARK, K. & GLICKSMAN, A. Age-friendly Philadelphia: Bringing Diverse Networks Together around Aging Issues. In: Scheid,R,J. & Schwarz,B. Environmental Gerontology, New York, Routledge, 2013.

LANG, F, R. & ROHR, M, K. Die Gestaltung sozialer Beziehungen im Alter. In: Wahl,H,W., Römer,C,T. & Ziegelmann,P,J. Angewandte Gerontologie, Stuttgart, Kohlhammer, 2012.

MOLLENKOPF, H. OSWALD, F. & WAHL, H, W. Alte Menschen in ihrer Umwelt, “Dinnen” und “Draussen” heute und morgen, In: Wahl, H, W., Mollenkopf, H. & Oswald, F. Alte Menschen in ihrer Umwelt, Wiesbaden, Vestdeutscher Verlag, 1999.

NORSTRAND, J, A, GLIKSMAN, A, LUBBEN, J. KLEBAN, M. The role of social environment on physical and mental health of older adults. In: Scheidt, R, J. & Schwarz, B. Environmental Gerontology, What Now? New York, Routledge, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Guia Global: Cidade Amiga do Idoso, Genebra, OMS, 2008.

PEACE, S. Social interations in public spaces and places: a conceptual overview. In: Rowles, G, D. & Bernard M. Environmental Gerontology, Making Meaningful Places in Od Age, New York, Springer Publishing Company, 2013.

PFUTZENREUTER, A, H. Viver a cidade, envelhecer na cidade. Aspectos públicos para o envelhecimento pessoal, São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Tese Doutorado Arquitetura e Urbanismo, 2014.

PHILLIPS, J. Older People's Use of Unfamiliar Space. In: Rowles, D, G. & Bernard, M. Environmental Gerontology, Making Meaningful Places in Old Age, New York, Springer Publishing Company, 2013.

RATCLIFE, J. Town and Country Planning, London, University College London Press, 2nd.Ed,1992.

WAHL, H, W. Stellenwert und Ziele von Interventionsforschung und práxis. In: Wahl, H, W., Römer, C, T. & Ziegelmann, P, J. Angewandte Gerontologie, Stuttgart, Kohlhammer 2012.



Sobre o autor:

Nelson Frederico Seiffert

Doutor em Engenharia de Produção, com a tese de Doutorado sobre Gestão Ambiental. Trabalhou em Pesquisa na EMBRAPA durante 25 anos.

Desenvolve atualmente estudos na área de Gerontologia Ambiental e Aplicada. Conduziu Seminários sobre Gerontologia Ambiental e Aplicada no NETI/UFSC em 2015, 2016 e é Diretor Técnico Científico da ANG/SC - GESTÃO 2017/2019.

E-mail: nfseiffert@hotmail.com